

## ELIPSE DO VPE VARIAÇÃO PARAMÉTRICA

SONIA CYRINO (UNICAMP/CNPq)  
GABRIELA MATOS (Universidade de Lisboa)

**ABSTRACT:** Data from English show that VP ellipsis only occurs when, in Syntax, a verbal element is in a functional head that locally c-commands the ellipsis. However, if we accept this analysis, we cannot explain languages in which T and C have uninterpretable features that force the verb to move before *Spell Out* but do not allow VP ellipsis, as in Spanish, French and German. In this paper we defend that whatever determines parametric variation in VP ellipsis is related to whether or not the verbal element that occupies the licensing functional head locally c-commands the immediate projection that is interpreted as the sentence verbal predicate. If there is an intervening projection between the licensing node and the projection interpreted as the sentence verbal predicate, VP ellipsis is not possible. We will rely on parametric differences involving AspP, showing that languages will vary in allowing Asp to be an extension of vP, and hence permitting or not VP ellipsis.

### 1. O PROBLEMA

Os dados do inglês mostram que a Elipse do Sintagma Verbal (de ora em diante, Elipse do VP) só é possível quando, em Sintaxe, um elemento verbal ocupa um núcleo funcional de frase que c-comande localmente o constituinte elíptico, (1a) vs. (1b). Esta propriedade explica igualmente porque é que em português esta construção ocorre tanto com verbos auxiliares, (2a), como com verbos principais, (2b), uma vez que estes se movem sistematicamente, tal como os auxiliares, para núcleos funcionais fráscicos.

- (1) a. John is reading that book and Mary is \_\_, too.  
b. \* John starts reading that book and Mary starts \_\_, too.
- (2) a. P: O Pedro tem trabalhado muito?  
R: Acho que tem \_\_.  
b. A Ana pôs os livros na pasta, mas tu não puseste \_\_.

Porém, uma questão se coloca: como explicar que línguas como o espanhol, o francês ou o alemão, em que as categorias funcionais Tempo Gramatical (T) e Complementador (C) apresentam traços não-interpretáveis que forçam o verbo a mover-se antes de *Spell-Out*, não apresentem a construção de Elipse do VP, (3)?

- (3) a. \*Susana había leído Guerra y Paz, pero María no había \_\_\_.  
 ‘Susana tinha lido Guerra e Paz, mas Maria não tinha.’  
 (López, 1999)
- b. \*On avait demandé si ils avaient déjà mangé et ils avaient \_\_\_.  
 ‘Tínhamos perguntado se eles já tinham comido e já tinham.’  
 (cf. Lobeck, 1999)
- c. \*Hans wird heimfahren und Maria wird \_\_ auch.  
 ‘Hans vai guiar até casa e a Maria também vai.’  
 (Lobeck, 1999)

Esta é a questão a que o *Parâmetro da Elipse do VP* procura dar resposta.

## 2. O PARÂMETRO DO VP ELÍPTICO E O NÚCLEO FUNCIONAL LICENCIADOR

Análises prévias no âmbito da Programa Minimalista têm atribuído a existência vs. inexistência de elipse de VP às propriedades de um núcleo funcional específico (Martins, 1994, Holmberg, 2001, Matos e Cyrino, 2001), por vezes associadas aos traços dos itens que lexicalmente o instanciam (López, 1994) ou à operação sintática envolvida (Lobeck, 1999).

### 2.1. Traços (de) sigma

#### 2.1.1. Martins, 1994

Em Martins (1994), o licenciamento de Elipse do VP é atribuída a S, a categoria proposta em Laka (1990) para dar conta da polaridade negativa/afirmativa das frases.

- (4) a. A Maria [ $\Sigma$ °tem] [ ... [ $\nu_P$ -]].  
 b. P: Ninguém tem comprado o jornal!  
 R: A Maria tem \_\_!

A existência ou inexistência desta construção é, de acordo com Martins (1994), regulada por propriedades, que podemos formular em termos do seguinte parâmetro.

- (5)  $\Sigma$  tem traços  $\pm$  fortes nas diferentes línguas.  
 Só  $\Sigma$  com traços fortes licencia Elipse do VP.

$\Sigma$  com traços fortes pode atrair o verbo que, ao instanciar este núcleo funcional, licencia o VP elíptico.

#### 2.1.2. López, 1999

López (1999) considera igualmente que o licenciamento do constituinte elíptico em Elipse do VP se deve a  $\Sigma$ , mas atribui o Parâmetro do VP elíptico às propriedades dos itens lexicais que o preenchem. Assim, o parâmetro da Elipse do VP que emerge do trabalho de López é o seguinte:

- (6) Só verbos com traços  $\Sigma$  podem ocupar o núcleo  $\Sigma$ .  
As línguas variam em relação à presença de traços S nos verbos:  
(i) nenhum verbo têm traços  $\Sigma$  % Espanhol, Francês.  
(ii) só auxiliares têm traços  $\Sigma$  % Inglês.  
(iii) todos os verbos têm traços  $\Sigma$  % Português.

No entanto, como salientado em Matos e Cyrino (2002, 2004), as análises de Martins (1994) e López (1999) enfrentam um problema fundamental: não há evidência de que  $\Sigma$  licencie Elipse do VP em línguas como o português, dado que Despojamento/Pseudostripping, que mobiliza  $\Sigma P$  (Matos 1992, Depiante 2000, 2001) está excluído de contextos ilha (cf. (7a)), onde Elipse do VP pode ocorrer (cf. (7b)):

- (7) a. \*/?Eles vão sair sempre que nós não \_\_.  
b. Eles vão sair sempre que nós (não) vamos \_\_.

## 2.2. T e o parâmetro do VP elíptico

### 2.2.1. Lobeck 1999

Em Lobeck (1999), o Parâmetro da Elipse do VP repousa na operação do sistema computacional envolvida na realização lexical de T através das línguas.

- (8) As línguas podem instanciar lexicalmente T, por Concatenar (ing. *Merge*) ou Mover (ing. *Move*). Só Concatenar licencia a Elipse do VP.

Para Lobeck (1999), o VP elíptico infringe potencialmente o Axioma da Correspondência Linear (*Linear Correspondence Axiom*) formulado por Kayne (1994). Com efeito, segundo Lobeck, é um *pro-V*, uma categoria sem estrutura interna, que, por isso, não pode ser linearizada em relação ao seu licenciador, o T. Para evitar essa infração, move-se para adjunção a T, onde estabelece uma relação de Concordância (ing. *Agree*) semelhante à de Especificador-Núcleo. Esta relação é considerada por Lobeck como uma *condição geral de licenciamento de categorias vazias de natureza pronominal*, entre as quais o ‘*pro-V*’. Convém lembrar que, nessa visão, se T fosse lexicalmente realizado por um Verbo movido, o VP elíptico apresentaria necessariamente estrutura interna – um verbo lexical estaria se movendo para fora de VP e o movimento do VP para adjunção a T deixaria de ser necessário, pois não haveria uma infração do Axioma da Correspondência Linear.

Esta proposta de Lobeck não é conciliável com os dados empíricos, que mostram que na construção de Elipse do VP, o constituinte elíptico pode exibir estrutura interna. É o que acontece em inglês nos casos em que a elipse é licenciada pelo auxiliar *have* ou por *be*

auxiliar ou verbo de cópula cópula, e em português, com verbos auxiliares e principais. Em todos esses casos, os verbos se movem de dentro da estrutura do VP, e licenciam a estrutura estando em T. Nesses casos, não podemos assumir que o VP elíptico é uma proforma sem estrutura interna, *pro-V*.

### 2.2.2. Matos e Cyrino, 2001

Matos e Cyrino (2001) admitem que o licenciamento do VP elíptico é feita sob comando imediato de T lexicalmente realizado. Esta condição estaria sujeita ao seguinte parâmetro:

- (9) T tem traços-v  $\pm$  fortes.  
Só T com traços-v fortes licencia Elipse do VP.

As autoras assumem que línguas, como o francês e o alemão, que têm movimento do verbo para fora do sintagma verbal, mas que não exibem Elipse do VP, teriam traços fracos de T, mas traços fortes de Agr ou de C.

Esta análise apresenta vários problemas, que passamos a destacar.

Em primeiro lugar, repousa na existência de traços fortes e fracos, uma estipulação que procura ser banida da Gramática, uma vez que só tem motivação interna à teoria, para desencadear o movimento.

Em segundo lugar, a noção de traço forte proposta por Matos e Cyrino difere da de Chomsky (1993), em que se assume que um traço forte desencadeia o movimento do V principal, e aproxima-se da de Roberts (1998) e Lasnik (1999), que admitem que um traço forte é aquele que desencadeia movimento, em geral.

Em terceiro lugar, a análise de Matos e Cyrino (2001) pressupõe a existência de Agr, uma projecção cuja motivação empírica é discutida desde Chomsky (1995).

Em suma, as análises revistas associam a possibilidade de elipse à instanciação de um núcleo funcional frásico, por Mover ou por (*Merge*), e sugerem que o Parâmetro da Elipse do VP está universalmente correlacionado com um núcleo funcional frásico específico. Porém não há consenso sobre a categoria funcional envolvida,  $\Sigma$  ou T.

Repousam, no entanto, em pressupostos controversos: a existência de traços fortes/fracos, a não-existência de estrutura interna do VP e o apelo a relações especificador-núcleo para o licenciamento do VP elíptico.

### 2.3. A variabilidade do núcleo licenciador através das línguas

Em oposição às análises anteriores, admitimos que o licenciamento de Elipse do VP não está universalmente a cargo de uma única categoria funcional. Deste modo, se em português não há motivação empírica para considerar que  $\Sigma$  é o licenciador de Elipse do VP (cf. (10)), noutras línguas poderá haver. Assim, Holmberg (2001) argumenta a favor de Elipse do VP em finlandês (cf. (11)) envolver projecções da periferia esquerda da frase.

- (10) a. \*/?? Eles vão sair sempre que nós não \_\_\_. (=7)  
 b. Eles vão sair sempre que nós (não) vamos \_\_\_.  
 (11) Liisa ei ole käynyt Pariisissa, mutta Matti on.  
 Liisa não tem estado em\_Paris, mas Matti tem.  
 (Holmberg, 2001:146)

No português europeu (PE) e no Inglês, o licenciador do VP Elíptico é T, mas, no português brasileiro (PB), Elipse do VP pode ser licenciada por outros núcleos funcionais: T, Asp ou Particípio Passivo, como mostram Cyrino e Matos (Matos e Cyrino 2001, Cyrino e Matos, 2002, 2004), baseadas em contrastes como os ilustrados em (12) vs. (13) e (14a) vs. (14b), frases que apresentam uma seqüência de verbos formada por verbos auxiliares do Progressivo e da Passiva seguidos de um verbo principal; em qualquer dos exemplos, o adverbial *também* intervém na seqüência verbal, obrigando o último verbo a ser interpretado como o licenciador da elipse:

- (12) a. Ele estava cantando cantigas às crianças, porque eu estava  
*também* cantando \_\_\_.  
 \_\_ = (~~cantando~~) ~~cantigas às crianças~~ (√PB) (??PE)  
 b. Ele estava a cantar cantigas às crianças, porque eu estava  
*também* a cantar \_\_\_.  
 \_\_ = ?? (~~cantar~~) ~~cantigas às crianças~~ (PE)  
 \_\_ = (~~cantar~~)

Em (12a), no português brasileiro, o predicado verbal elíptico é recuperado na sua totalidade, i.e., o verbo movido e os seus complementos. Pelo contrário, em português europeu, nas variedades que usam o gerúndio nestes contextos, os complementos do verbo no gerúndio (*cantando*) não são recuperados. O mesmo acontece no PE padrão, em que a seqüência *estar-a-Vinfinitivo* é usada, como mostra (12b).

Do mesmo modo, a frase (13) é tendencialmente interpretada de modo diverso em PB e em PE: em PB o constituinte elíptico recupera todos os argumentos do verbo passivo movido (veja-se a interpretação em (13a)); em PE, o complemento objeto indireto não é recuperado (cf. (13b)).

- (13) Os brinquedos foram dados às crianças e os livros foram  
*também* dados \_\_\_.  
 a. \_\_ = (~~dados~~) (~~os livros~~) (~~às crianças~~) (PB)  
 b. \_\_ = (~~dados~~) (~~os livros~~) (PE)

Em (12) e (13) os verbos com flexão finita subiram para T. Em (12a) e (13) os verbos no gerúndio ou no particípio passado passivo ocupam o núcleo de uma projecção própria: (i) o verbo no gerúndio, uma projecção de Aspecto, AspP; (ii) o verbo no particípio passivo, uma projecção de passiva, PassP, correspondente à projecção de voz (ing. *VoiceP*), proposta em Sportiche 1998 (cf. (14a) e (14c)) Em PB, o verbo que instancia os núcleos Asp e Pass, é

capaz de licenciar Elipse do VP, porém, o mesmo não acontece no PE. Em (12b) o verbo no infinitivo subiu para T no infinitivo. Porém, o licenciador característico de Elipse do VP em PE é o verbo finito (cf. (14b)), pelo que a interpretação de Elipse do VP não é privilegiada.

- (14) a. (...) [<sub>TP</sub> estava também [<sub>AspP</sub> cantando [<sub>vP</sub> \_\_\_ ] ] ]  
 b. (...) [<sub>TP</sub> estava também [<sub>AspP</sub> a [TP cantar [<sub>vP</sub> \_\_\_ ] ] ] ]  
 c. (...) [<sub>TP</sub> foram também [<sub>PassP</sub> dados [<sub>vP</sub> \_\_\_ ] ] ]

Estas divergências de comportamento foram atribuídas em Cyrino e Matos 2002 a diferenças nos traços das categorias funcionais fráscas em cada uma das variedades do português: no PB, as projeções funcionais fráscas evoluíram no sentido de apresentarem sistematicamente traços-v.

Em suma, estes dados sugerem que o Parâmetro da Elipse do VP não deverá ser universalmente formulado em termos de uma mesma categoria funcional.

### 3. A LOCALIDADE DO LICENCIADOR E O PARÂMETRO DO VP ELÍPTICO

#### 3.1. Reavaliação dos dados

Aceitamos, com Matos e Cyrino (2001), Cyrino e Matos (2002, 2004), que a elipse do VP é licenciada na seguinte configuração estrutural:

- (15) A Elipse do VP é licenciada sob c-comando imediato do núcleo funcional lexicalmente realizado com traços-v que se combina (“merge”) com o predicado verbal elíptico.

O predicado elíptico alvo de elipse é a fase vP – em conformidade com o Princípio da Impenetrabilidade da fase (Chomsky, 2000, 2001, 2004), o núcleo e a periferia do vP não estão abrangidos.

A condição de licenciamento (15) enfrenta, contudo, um problema: ela prediz que línguas com Movimento Generalizado do Verbo tenham Elipse do VP. No entanto, o espanhol, o italiano, o francês e o alemão contrariam esta previsão.

- (16) a. \*Susana había leído Guerra y Paz pero María no había \_\_\_\_.  
 ‘Susana tinha lido Guerra e Paz, mas Maria não tinha.’  
 (López, 1999)  
 b. \*On avait demandé si ils avaient déjà mangé et ils avaient \_\_\_\_.  
 ‘Tínhamos perguntado se eles já tinham comido e já tinham.’  
 (cf. Lobeck, 1999)  
 c. \*Gianni ha visto i suoi amici e Piero ha anche.  
 ‘Gianni viu os (seus) amigos e Pedro também viu.’  
 (Ambar, 1988)

- (17) \*Hans wird heimfahren und Maria wird \_\_ auch .  
 ‘Hans vai guiar até casa e a Maria também vai.’  
 (Lobeck, 1999)

A questão que se coloca é a de saber que propriedade têm estas línguas em comum que impede a ocorrência de Elipse do VP.

Considerando as línguas românicas em (16), Ambar (1988), no quadro da Teoria da Regência e da Ligação/Barriers, sugeriu que a ausência de Elipse do VP estava correlacionada com a perda de valor lexical dos auxiliares dos tempos compostos (cf. (18) vs.(19)). Sem valor lexical, os auxiliares não seriam capazes de reger estritamente o constituinte elíptico.

- (18) a. Jean a vu ses amis.  
 ‘Jean viu os seus amigos.’  
 b. Juan ha visto a suyos amigos.  
 ‘Jean viu os seus amigos.’  
 c. Gianni ha visto i suoi amici.  
 ‘Jean viu os seus amigos.’
- (19) a. John has seen his friends (lately).  
 b. O João tem visto os seus amigos.

Explorando, sem adotar a sua análise, a intuição de Ambar (1988), admitiremos que a ausência de elipse de VP em francês, espanhol, italiano, e também no alemão, está correlacionada com a perda de valor aspectual das seqüências verbais dos tempos compostos.

### 3.2. Proposta alternativa do parâmetro do VP Nulo

#### 3.2.1. Gramaticalização de aspecto gramatical e estrutura de frase

Em francês, espanhol, italiano e alemão os auxiliares dos tempos compostos sofreram um processo de gramaticalização (e.g. Li and Shirai, 2000, Iatridou et al., 2001) que fez com que perdessem o seu valor aspectual. Esse processo de gramaticalização não se verifica (de forma tão severa) em português e inglês.

Admitimos que essa gramaticalização tem uma contrapartida na estrutura sintática frásica. Assumimos que na estrutura de frase de qualquer língua, *Asp* é a categoria que codifica o *Aspecto Gramatical* (e.g., Belletti, 1990, Dermidache e Uribe-Etxebarria, 2000, Iatridou et al., 2001, Schmitt, 2000, Oliveira et al., 2004), e *vP* é a categoria que determina os aspectos essenciais do *Aspecto Lexical (aktionsart)* (cf. Hale e Keyser, 1993, Chomsky, 2000).

- (20) [<sub>CP</sub> C [<sub>TP</sub> T [<sub>AspP</sub> Asp ... [<sub>vP</sub> ]]]]

Aspecto Gramatical e Aspecto Lexical interagem para captar o valor aspectual das situações denotadas nas expressões lingüísticas (Oliveira, 2003, entre outros).

- (21) Ela lê esses livros.  
 Processo - situação atélica; aspecto associado ao Presente: habitual
- (22) Ela leu esses livros.  
 Culminação - situação télica; aspecto associado ao Pretérito Perfeito: terminado

*Asp* ocorre em frases com forma verbal simples, como em (23), e pode ser recursivo captando valores aspectuais co-ocorrentes, como em (24):

- (23) a. Ela lê livros de Sintaxe.  
 b. Ela [<sub>T</sub> lê ] [<sub>AspP</sub> [<sub>Asp</sub> **lê**] [<sub>vP</sub> **ela lê** livros de Sintaxe]]]]
- (24) a. Eles têm estado a ler.  
 b. Eles [<sub>T</sub> têm] [<sub>AspP</sub> **têm** [<sub>vPaux</sub> **têm** [<sub>AspPperf</sub> estado [<sub>vPaux</sub> **estado** [<sub>AspPprogr</sub> a ler [<sub>vP</sub> **ler**]]]]]]]]

Nas línguas em que os tempos verbais compostos foram severamente gramaticalizados, o enfraquecimento de valor aspectual está correlacionado com a perda de valor temporal da flexão verbal que afeta o auxiliar. Veja-se, o *Passado Composto* em francês e o espanhol, ilustrado em (25).

- (25) a. Jean a vu ses amis.  
 ‘Jean viu os seus amigos.’  
 b. Juan ha visto a suyos amigos.

Em (25), o verbo auxiliar exhibe marcas flexionais de presente, mas a forma verbal composta é interpretada como passado e tende a substituir o *Passado Simples*.

Tendo em conta estes dados, consideramos que o processo de gramaticalização converte o auxiliar e o particípio num complexo verbal cujo valor é fixado, no nível relevante para a interpretação, como esquematizado em (26).

- (26) a vu => [<- presente, + passado>]

Uma questão se coloca: que traços temporais exhibe T nas frases em que ocorrem estes complexos verbais, uma vez que estes tem de ser interpretados como passado, (cf. (25))?

Admitimos a hipótese de que, para que Concatenar (*Merge*) entre o complexo verbal gramaticalizado e T produza resultados adequados, T apresenta um traço flexional temporal de <presente> de valor não-especificado (em vez do traço especificado <+passado>), (27):

- (27) [<sub>CP</sub> C [<sub>TP</sub> T <a present > [<sub>AspP</sub> Asp/T ... [<sub>vP</sub> ]]]]  
 α = valor não-especificado

O valor do traço não-especificado < $\alpha$  presente> tem de ser fixado, para convergência na interface com PF. O Movimento (Merge interno) do auxiliar núcleo do complexo verbal ocorre, e *Agree* fixa o valor do traço não-especificado como <-presente>.

Na seqüência desta análise, levantamos a seguinte hipótese:

(i) nas línguas em que as formas verbais compostas estão severamente gramaticalizadas, os traços de Asp associam-no a Tempo Gramatical, (Asp, em (28a));

(ii) nas línguas em que as referidas formas verbais mantêm valores aspectuais, AspP é privilegiadamente interpretado como uma extensão estendida (*extended projection*) do predicado verbal, o vP (Asp-vP, em (28b)):

- (28) a.  $[_{CP} C [_{TP} T [_{AspP} Asp \dots [_{vP} ]]]]$   
 b.  $[_{CP} C [_{TP} T [_{AspP-vP} Asp-vP \dots [_{vP} ]]]]$

### 3.2.2. O parâmetro do VP elíptico

Elipse do VP é licenciada sob a condição (15), reproduzida em (29):

- (29) A Elipse do VP é licenciada sob c-comando imediato do núcleo funcional lexicalmente realizado com traços-V que se combina com (“merge”) o predicado verbal elíptico.

Adotando a hipótese em (28) em relação às propriedades de Asp, reformularemos o Parâmetro da Elipse do VP em termos de localidade.

- (30) Parâmetro da Elipse do VP  
 O núcleo funcional realizado, potencial licenciador do vP elíptico, c-comanda imediatamente o predicado elíptico: Sim/Não.  
 Só c-comando imediato licencia o predicado elíptico.

O Parâmetro da Elipse do VP, como formulado em (30), apresenta várias conseqüências, que consideramos adequadas.

De acordo com (30), o licenciamento de Elipse do VP em Português Brasileiro por instanciação de Asp ou de Pass é esperada. Asp ou Pass combinam-se com vP, pelo que c-comando imediato do vP é satisfeito.

Em línguas em que o licenciador potencial da Elipse do VP é T (ou C-T) várias possibilidades estão disponíveis, dando origem a variação paramétrica em relação à ocorrência de Elipse do VP.

Assim, só línguas em que AspP é uma projeção estendida de vP licenciam esta construção, pois só neste caso, V em T c-comanda imediatamente o constituinte elíptico (cf. (31a)). É o caso de inglês e português.

Nas línguas em que Asp está altamente gramaticalizado, Asp não é uma extensão de vP e a sua interposição impede T de c-comandar imediatamente vP. A Elipse do VP é, conseqüentemente, excluída, (31b)). É o caso de alemão, francês, espanhol).

- (31) a.  $[_{CP} C [_{TP} T [_{AspP/vP} Asp\_v \dots [_{vP} \_ ]]]]$   
 b.  $*[_{CP} C [_{TP} T [_{AspP} Asp \dots [_{vP} \_ ]]]]$

Em suma, em línguas em que o verbo sobe para T (ou C-T), a variação paramétrica pode em última instância resumir-se à variação dos traços de Asp, como explicitado em (32)

- (32) Asp seleccionado por T tem um traço  $\pm$ predicativo e um traço  $\pm$ tempo.

Só em línguas em que Asp tem um traço + predicativo (AspP-vP), T c-comanda imediatamente vP.

Assim, como o único requisito para o licenciamento da elipse de VP é que o núcleo funcional instanciado pelo elemento verbal c-comande localmente o predicado elíptico, a especificidade da elipse de VP em PB fica explicada. Assumimos que no PB o licenciamento de elipses envolve núcleos funcionais abaixo de T, tais como o Aspecto Gerundivo Progressivo (33) e o Particípio Passado Passivo (34), todos tendo o licenciador ocupando um núcleo funcional que é concatenado com o vP elíptico:

- (33) a. João está lendo livros às crianças e Ana também está  
 b. ... a Ana também está  $[_{ProgrAsp} \text{lendo} [_{vP} [\text{lendo}] \text{os livros às crianças}]]$
- (34) a. Os relatórios foram arquivados hoje e as cartas também foram arquivadas\_\_  
 b. as cartas também foram  $[_{Pass Past P} \text{arquivadas} [_{vP} \text{arquivadas-[as cartas] hoje}]]$

#### 4. CONCLUSÕES

A Elipse do VP é licenciada numa configuração estrutural específica: requer que um elemento verbal realizado instancie o núcleo funcional que se combina com o predicado verbal.

O núcleo licenciador do VP elíptico pode variar de língua para língua, e entre variedades da mesma língua.

A variação paramétrica entre o português e o inglês, por um lado, e o francês, o italiano, o espanhol e o alemão, por outro, em relação à condição de licenciamento do VP elíptico, repousa na oposição gramaticalização vs. potencial predicativo de Asp.

Em línguas em que o verbo se move na sintaxe para T (ou C-T), só quando AspP é interpretado como uma extensão da fase vP é possível obedecer à condição de licenciamento

da Elipse de VP. Quando AspP não é interpretado como uma projeção predicativa, impede o c-comando imediato do predicado elíptico.

Pode-se prever que a Elipse de VP em PB através de T, Asp ou Pass, pois esses núcleos concatenam-se com vP, ou com AspP-<sub>v</sub>P, e há c-comando imediato do licenciador para o vP elidido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBAR, Manuela. (1988). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa. Published in Edições Colibri, Lisboa, 1992.
- BELLETTI, Adriana. (1990). *Generalised Verb Movement – Aspects of Verb Syntax*. Torino: Rosenberg & Sellier.
- CHOMSKY, Noam. (1993). A Minimalist Program for Linguistic Theory. In Hale, K. and S. Keyser (eds.) *The View from the Building 20*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (2000). Minimalist Inquiries: The Framework. In Martin, R., D. Michaels & J. Uriagereka (eds.) *Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*. Cambridge, Massachusetts: the MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (2001). Derivation by Phase. In Kenstowicz, M. (ed.) *Ken Hale, A Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1-152.
- \_\_\_\_\_. (2004). Beyond Explanatory Adequacy. In Belletti (ed.) *Structures and Beyond - The cartography of Syntactic Structures*, vol.3. Oxford: Oxford University Press.
- CYRINO, Sonia. (1997). *O Objecto Nulo no Português do Brasil - Um Estudo Sintático-Diacrônico*. Londrina : Editora UEL.
- CYRINO, Sonia. & MATOS, Gabriela. (2001). VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 1, n.2, 177-195
- \_\_\_\_\_. (2004) Local licensers and recovering in VP ellipsis construction: variation across languages and language varieties. Ms.
- DEPIANTE, Marcela. (2000). *The Syntax of Deep and Surface Anaphora: A Study of Null Complement Anaphora and Stripping/Bare Argument Ellipsis*. PhD Dissertation. University of Connecticut.
- \_\_\_\_\_. (2001) On null complement anaphora in Spanish and Italian. *Probus* 13: 193-221.
- DERMIRACHE, Hamida. & URIBE-EXTEBARRIA, Myriam. (2000). The Primitives of Temporal Relations. In Martin, R., D. Michaels and J. Uriagereka, *Step by Step – Essays on Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 157 186
- HALE, Kenneth. & KEYSER, Samuel. (1993). On Argument Structure and the lexical Expression of Syntactic relations. In Hale, K. and S. Keyser (eds.) *The View from Building 20 - Essays in Linguistics in Honour of Sylvan Bromberger*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 53- 109.
- HOLMBERG, Anders. (2001). The Syntax of Yes and No in Finnish. *Studia Linguistica* 55:2, 140-174.
- IATRIDOU, Sabine.; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. and IZVORSKI, Roumyana. (2001). Observations about the Form and Meaning of Perfect. In Kenstowicz, M. (ed.) *Ken Hale, A Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 189-238.
- KAYNE, Richard. (1994). *Asymmetric Syntax*. Cambridge Massachusetts: The MIT Press.

- LAKA, Itziar. (1990). *Negation in Syntax: on the nature of functional categories and projections*. PhD. Cambridge, Massachusetts.
- LASNIK, Howard. (1999). *Minimalist Analysis*. Oxford: Blackwell Publishers.
- LI, Ping. and SHIRAI, Yashiro. (2000). *The acquisition of Lexical and Grammatical Aspect*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- LOBECK, Anne. (1999). VP-Ellipsis and the Minimalist Program: Some Speculations and Proposals. In *Fragments - Studies in Ellipsis and Gapping*. New York/Oxford: Oxford University Press, 98-123.
- LÓPEZ, Luis. (1999). VP-Ellipsis in Spanish and English and the features of Aux. *Probus*, 11:2.
- MARTINS, Ana-Maria. (1994). Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus* 6, 173-205.
- MATOS, Gabriela. (1992). *Construções de Elipse do predicado em Português - SV Nulo e Despojamento*. PhD Dissertation. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- MATOS, & CYRINO, Sonia. (2001). Elipse do VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. *Actas do II Encontro Internacional da ABRALIN*, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- OLIVEIRA, Fátima. (2003). Tempo, Aspecto e Modo. In Mateus, M.H., A. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, A. Villalva & M. Vigário, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- OLIVEIRA, Fátima.; CUNHA, Luís. F. & GONÇALVES, Anabela. Aspectual Verbs in European and Brazilian Portuguese 2004, *Journal of Portuguese Linguistics*. Lisboa: Colibri.
- ROBERTS, Ian. (1998). Have/Be Raising, Move F and Procrastinate. *Linguistic Inquiry* 29:1, 113-125.
- SCHMITT, Cristina. (2001). Cross-Linguistic Variation and the Present Perfect: the Case of Portuguese. *Natural Language and Linguistic Theory*. 19: 403-453.